

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O EMPODERAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: VIVÊNCIAS APLICADAS AO GRUPO DE AUTODEFENSORES DA APAE-CG

Cleonice Maria de Lima Oliveira

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande- cleo-nicelima@hotmail.com

Resumo: Investigamos algumas vivências da Educação Emocional que foram realizadas com um grupo de 15 pessoas atendidas na escolaridade da APAE de Campina Grande e que integram um grupo denominado de Autodefensores, com recorte de 3 sujeitos para análise de seus relatos. Esta pesquisa é de natureza reflexiva, caracteriza-se por ser uma pesquisa-ação e é fruto de estudos e pesquisas a partir do curso de formação desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Educação e Emocionalidade (GRUPEE), da Universidade Federal da Paraíba no município de Queimadas-PB, com reflexo na atuação profissional da área de Educação na APAE/CG. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com gravação de áudio, observações participantes de sessões e análises do desempenho nas sessões com as Vivências da Educação Emocional Libertadora. Constatamos que esse trabalho com a Educação Emocional é importante pelos impactos positivos na vida das pessoas com deficiência e por despertar o melhor desenvolvimento da linguagem, sociabilidade, falar de si e perceber o outro nesse mesmo processo. Baseado nos relatos apresentados e nas avaliações de cada encontro, vimos que esses fatores possibilitaram mudança quanto à subjetividade, melhor desenvoltura ao falar das emoções e interesse em participar das sessões. Essas mudanças também contribuíram para o empoderamento e a busca em superar as dificuldades em lidar com as emoções, além de ter aumentado a interação social, melhorando a qualidade de vida do grupo pesquisado.

Palavras-chave: Deficiência, Autodefensoria, Educação Emocional, vivência, Empoderamento,

INTRODUÇÃO

Desde o século XX o sistema educacional no Brasil baseado em paradigmas tradicionais, com foco na prática de transmissão e reprodução de conhecimento, visava um espaço escolar que não constrói à formação humana em sua completude. Sendo assim, o contexto educacional atual vivencia um dos enormes desafios, que é gerar o desenvolvimento integral do ser. Sobre esse assunto MORIN (2003, p.15) afirma que o “ser humano é um só, tempo físico, biológico, psíquico, cultural, histórico e social”. Baseado nessa afirmação, consideramos a necessidade de desenvolver saberes extra, atentando a preparação humana para a vida.

A partir dessa reflexão é notório a necessidade de quebrar com esses padrões tradicionais e investir numa educação que enxergue cada indivíduo em sua integralidade, nos vários espaços de vivência educacional ou social. Para essa discussão destacamos as

contribuições Gonsalves quando defende que:

A educação faz-se ao longo da vida e de maneiras distintas significa que estamos sendo educados socialmente desde o nascimento e esse processo acontece de forma assistemática (pelas experiências que vamos acumulando ao longo da vida em diferentes lugares, com diferentes seres vivos e coisas) e também de modo sistemático, por meio de cursos que podem ser escolares ou não. Assim, a educação ocorre na escola; porém não é o único espaço onde ocorre a educação. (GONSALVES, 2014.p.16)

A autora aborda que a educação é diferente da escolarização ao passo que somos seres históricos e que a aprendizagem é socialmente construída a partir das experiências em diferentes espaços, não só na escola. E que “ainda pode ser compreendida como um processo relacional de formação humana, marcada pela exteriorização de sínteses, realizado na singularidade das trajetórias individuais, construídas pelas relações com o entorno” (GONSALVES, 2014, p.17).

Nessa linha de pensamento, estudos mostram que o ensino para as pessoas com deficiência pode ser fundamentado na apropriação das funções psicológicas superiores, já que são desenvolvidas na relação com o mundo social, por meio da atenção voluntária, memória intencional, planejamento, solução de problemas, formação de conceitos, aprendizagem e avaliação do processo de aprendizagem, e conforme as dimensões interpessoal, quando interagimos com o outro, e de modo intrapessoal, quando internalizamos as experiências aprendidas modificando estruturas e funções psicológicas (VYGOTSKY, 2001).

Ressaltamos a necessidade e a possibilidade de a escola desenvolver ações que ensinem as pessoas com deficiência a aprenderem e a terem consciência desta aprendizagem, mesmo que, o reconhecimento de que são sujeitos sociais e históricos, situados em tempo, lugares e experiências diferentes, requerendo uma diversidade de modos e tempos de aprendizagem. A aprendizagem é um processo de construção singular (CORSINO, 2006) e desafia a meta da escolarização formal para estes sujeitos. O ensino sócio-histórico e as pedagogias críticas minimizam as fragilidades e aspectos funcionais do desenvolvimento cognitivo.

Tendo em vista uma educação baseada em currículos que têm propostas voltadas para centralidade no professor, nesse processo é preciso que haja propostas que incluam a pessoa com deficiência e que considere a sua integralidade.

Como alternativa para esse trabalho optamos por incluir no nosso trabalho a Educação Emocional, “como prática educativa a ser realizada ao longo da vida, deve estar presente em

todo o currículo escolar, a fim de maximizar as tendências construtivas e minimizar as destrutivas” (POSSEBON, 2017, p.15). Nossa meta é apresentar resultados com este trabalho para que de fato seja implantado integralmente no currículo da instituição pesquisada.

Para essa pesquisa será dada importância a Educação Emocional por ter sido reconhecida em vários campos do conhecimento. A própria natureza do processo educativo remete a questões pertinentes a este campo: a) a qualidade das interações sociais (aluno, aluno, família filhos); b) o papel do professor no desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos; c) o desenvolvimento de capacidades como atenção, habilidades de resolução de problemas, tolerância a frustração e o manejo da emoção são fundamentais para o desempenho escolar; e) o conhecimento das próprias emoções e as emoções dos outros, identificação das emoções, a empatia e autocontrole são consideradas necessárias para o desenvolvimento das funções cognitivas.(POSSEBON,2017, p.11).

Destacando o nosso foco que é inicialmente trabalhar o conhecimento das próprias emoções e a dos outros e como identificar em contextos pessoais e sociais, sendo potencializadoras da aprendizagem e da autoconsciência.

Em pesquisas e estudos são apresentadas as diversas formas de classificar as emoções, Possebon (2017) destaca a classificação de Darwin (2009), o qual reconhece a existência de emoções básicas, também conhecidas como universais ou primárias: alegria, raiva, tristeza, medo, nojo e surpresa. Além do conhecimento dos tipos de emoções apresentamos a definição de educação emocional e como avaliam as vivências que foram desenvolvidas.

A Educação Emocional consiste em um processo de construção humana que se dá ao decorrer da vida, de forma integralizada, tendo em vista o bem-estar subjetivo (GONSALVES, 2015). Assim, é possível definir a Educação Emocional como um processo de formação ao longo de toda experiência da vida e se materializa com impacto na vida do sujeito.

Para Bisquerra (2000) a Educação Emocional é um processo complexo e amplo ao mesmo tempo, podendo assim ser compreendida como um desenvolvimento educativo, que necessita ser contínuo e permanente, com o objetivo de potencializar o desenvolvimento emocional como acréscimo indispensável ao aperfeiçoamento cognitivo, constituindo ambos os elementos essenciais para a construção da personalidade integral do sujeito.

Os autores se completam em suas definições quando declaram que a Educação Emocional é um processo que deve ser contínuo que deve ser vivenciado pelo sujeito para o seu desenvolvimento integral.

Esse é um campo recente e pertencente à contemporaneidade, implicada na relação interpessoal e exerce um papel central nas nossas vidas, especialmente por serem estruturantes no desenvolvimento de uma pessoa. Aprender, na prática, a realizar um trabalho educativo na área de Educação Emocional é indispensável para o desenvolvimento.

Nesse sentido objetivamos analisar algumas vivências de Educação Emocional que foram realizadas com um grupo de 15 pessoas que são atendidas na escolaridade da APAE de Campina Grande e que integram um grupo denominado de Autodefensores. Situaremos agora a cidade de Campina Grande e APAE (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais de Campina Grande).

Para problematizar esse trabalho levantamos alguns questionamentos: Qual a importância das emoções para o desenvolvimento da aprendizagem significativa dos alunos? Quais emoções são demonstradas pelos alunos nos encontros do grupo de Autodefensores? Que mudanças às vivências da Educação Emocional possibilitaram individualmente?

Essa pesquisa será apresentada levando em conta o trabalho da Educação Emocional e o empoderamento de pessoas com deficiência e a Vivência Emocional Libertadora. A seguir apresentaremos o referencial teórico mais adequado a esse estudo.

1. TRABALHO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O EMPODERAMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O trabalho com a Educação Emocional apresenta os conhecimentos sobre as emoções próprias do humano para contemplar essas pessoas em todas as suas potencialidades e expandir suas visões de mundo a fim de que consigam enxergar mais do que apenas uma alternativa de vida e superar a visão que já vem condicionada e determinada (CASASSUS, 2009). Em prol da consciência de si é preciso desenvolver ações que despertem na pessoa com deficiência o desejo de expressar o que sente e participar segundo Damásio (2011), é a faculdade de ter uma mente dotada de um possuidor, um protagonista de sua própria existência e de inspecionar seu mundo interior e o que há em volta, um agente que parece pronto para a ação.

No estudo sobre a Educação Emocional é possível constatar teoricamente que nesse trabalho com as pessoas com deficiência, muitas vezes não é proporcionado a esses indivíduos o direito a escuta dos desejos, vontades, silêncios, enfim, do diálogo como processo de aprendizagem escolar. Esta ausência de escuta inviabiliza uma das proposições decisivas para o

processo de aprendizagem no pensamento de Maturana: a conversação. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar, Maturana (1977, p.72) chama de “conversar”, e chamo de conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar.

O autor evidencia a importância do diálogo no processo de aprendizagem escolar e que esta falta de conversação atrapalha a aprendizagem. Outra forma de apresentar a importância do linguajar e do emocionar é posto como inerente ao ser na medida que:

O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. (MATURANA, 1998, p.17)

Para ele, é no entrelaçamento, por meio da linguagem, que nos desenvolvemos como seres humanos. Esse destaque a linguagem como defesa ou justificativa de nossas ações, defendida pelo autor é de extrema relevância, principalmente pela associação entre vivenciar a razão sem fazer relação com as emoções, pelo fato de que acreditamos há um limite entre um e outro.

Nas vivências com as pessoas com deficiência isso é muito forte porque em muitos casos esses grupos são inviabilizados de expor seus argumentos e até sua emocionalidade. No caso do grupo Autodefensores desenvolvemos experiências numa abordagem dialógica, buscando dar ênfase à relação entre as ações que vivenciam ao emocional de cada um.

2. A EDUCAÇÃO NO GRUPO AUTODEFENSORES DA APAE/CG E A VIVÊNCIA EMOCIONAL LIBERTADORA

Vivemos numa sociedade onde a individualidade e interesses pessoais têm prevalecido. Com isso, dar importância ao outro e manter uma relação com trocas de experiências por meio do diálogo parece ser cada vez mais raro nos dias de hoje. Diferente desse contexto tem sido o trabalho desenvolvido na APAE em relação às experiências com a Educação Emocional no grupo Autodefensores em que através da vivência Emocional Libertadora (VEL), tem despertado mais interesse do grupo em participar das sessões e também conhecer a sua aplicabilidade. Na tentativa de fazer com que a pessoa com deficiência possa participar e refletir a partir das próprias emoções, apresentamos como pode

ser definido esse processo:

A VEL é um processo educativo que tem como objetivo o aprendizado de uma forma singular de lidar com as próprias emoções. Não se trata de controlar, manipular ou esconder as emoções; trata-se de vivenciar a emoção para o próprio bem-estar – sentir, aceitar e compreender o que a emoção está informando, para aprender a vivenciá-la e lidar com ela para o seu próprio favorecimento. (GONSALVES 2015, p.)

Essa descrição da VEL, criada por Elisa Gonsalves Possebon, deixa claro que é preciso desenvolver essa experiência emocional de forma libertadora sem controlar, manipular ou esconder as emoções. É possível ainda tornar cada indivíduo empoderado no sentido de se achar capaz e de conhecer as emoções e saber diferenciá-las, atuando também no desenvolvimento cognitivo e comportamental.

A autora propõe os seguintes objetivos da VEL: Compreender profundamente a função e a influência das emoções; Descobrir bloqueios imperceptíveis; Superar rapidamente frustrações e experiências desagradáveis; Aprender a separar as experiências falsamente positivas; Reconhecer valores centrais e fortalecedores; Eliminar a influência de valores enfraquecedores; Avaliar e tornar positiva a meta escolhida; Identificar e eliminar pensamentos inconscientes que afastam a pessoa da meta que quer atingir; Descobrir procedimentos internos para fortalecer ações efetivas.

Cabe dizer que a VEL é um importante instrumento no sentido de empoderar a pessoa para que ela possa interferir positivamente para si mesma, valorizando ou desprezando aspectos que influenciarão o seu estado emocional. A VEL, de acordo com Gonsalves (2015), está estruturada em cinco passos: acolhimento da emoção sentida, diferenciação, decisão, focalização, autocura. Cada passo corresponde a um conjunto de etapas que devem ser vencidas para, só assim, inaugurar o passo seguinte. Essas etapas constituem verdadeiras técnicas avaliativas, que permitem ao facilitador verificar os saltos de qualidade realizados pela pessoa, ao longo do processo.

METODOLOGIA

O trabalho pedagógico está ancorado como uma pesquisa-ação (MOREIRA & CALEFFE) por ser uma intervenção em pequena escala no mundo real e também qualificada como pesquisa reflexiva (GONÇALVES, 2018).

Essa metodologia está relacionada a pesquisa-ação, por realizar as experiências e estar refletindo sobre ela.

É ainda caracterizada como pesquisa-ação, “por ser um tipo de pesquisa social com base empírica, sendo concebida e realizada em estreita relação com uma ação (...) e no qual os pesquisadores estão envolvidos de modo participativo” (Thiollent, 1985).

Outra abordagem dada seria a definição como pesquisa explicativa, visto que esta pretende identificar os fatores que contribuem para ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno (GONSALVES, 2018, p.121). Buscando aqui as fontes, a razão das coisas. Esta se relaciona bem com os outros tipos de pesquisa que envolvem este estudo.

Os instrumentos de produção dos dados foram entrevistas semi-estruturadas com gravação de áudio sobre a importância da Educação Emocional e as vivências no grupo Autodefensores. Outro instrumento foi a observação participante da sessão envolvendo a vivência “Qualificar é importante”, em uma sessão envolvendo estes exercícios: 1-Dicionário Emocional, 2-Tunel da qualificação, 3-Abelhinha, 4-Arvore, 5-Acariciamento de mão em par, 6-Dança dos dedinhos, 7-Abraços.

Esse estudo envolveu o “Grupo Autodefensores”, composto por 15 sujeitos com idade entre 15 e 50 anos, integrantes de um programa denominado de Autodefensoria da APAE/CG (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande), que visa a formação de pessoas capazes de reconhecer e praticar seus direitos e deveres, tornando-a capaz de desenvolver sua autodefesa e a defesa de seus pares; bem como sua autogestão a partir do conhecimento da realidade que a cerca e de si mesmo com o desenvolvimento de temáticas do interesse da pessoa com deficiência. Desse grupo tivemos como grupo focal 4 (quatro) sujeitos em condições de colaborar com a pesquisa sobre a importância da Educação Emocional e as vivências aplicadas no grupo. Esses encontros com o grupo ocorrem uma vez por semana e para essa pesquisa fizemos a coleta e observação no primeiro semestre de 2018 para concluir.

Localizada no Estado da Paraíba, Campina Grande foi fundada em 1697 e elevada a categoria de cidade em 1864, esta se tornou bastante conhecida por seu desenvolvimento tecnológico, que fez desta uma referência não apenas no Brasil, mas também na América Latina, além de ser uma cidade universitária, onde se localizam a Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Estadual da Paraíba desenvolvendo pesquisas em instituições.

Esta cidade tem um trabalho especializado voltado para o atendimento às pessoas com deficiência em instituições como APAE/CG, uma Entidade Filantrópica, sem fins lucrativos, criada na Semana do Excepcional em 1982 por um grupo de pais que assumiram o desafio de

fazer a instituição funcionar como alternativa de atendimento sócio-psico-pedagógico a este segmento da sociedade que atente através de sua unidade educacional Escola Margarida da Mota Rocha / APAE-CG a 185 pessoas com deficiência. Essas pessoas são alunos e alunas do Ensino Fundamental e/ou de Educação Infantil, isto porque no contexto dos diferentes serviços oferecidos pela instituição, está a oferta de educação básica, nas modalidades de ensino fundamental – séries iniciais e educação.

Dentre os serviços da APAE-CG, existe o atendimento especializado relacionado a aspectos biológicos, psicológicos fisioterápicos neurológicos, psicopedagógicos e educacionais entre outros. Serviços esses, que a APAE vem oferecendo com eficiência e reconhecimento social.

Para esse reconhecimento social a instituição também oferece assistência aos Pais, constitui-se como atribuição do serviço de Assistência Social e Psicologia, numa experiência de intervenção voltada para a formação de pais, visando a promoção do diálogo, do debate direcionados aos esclarecimentos e trocas de experiências para ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento e os direitos e deveres dos seus filhos, na família, na escola, na sociedade; bem como ensinar a aproximação dos familiares da instituição escolar. Esta ação intervencionista e proativa possibilita o protagonismo da família em relação à educação e aos direitos de seus filhos.

A APAE - CG tem por característica o fato de ser uma organização social, cujo o objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. A associação destaca-se por seu pioneirismo, atendendo Campina Grande e mais 40 municípios paraibanos.

Com foco nesse trabalho com a família e com a formação de Autodefensores, será disponibilizado um conjunto de meios potencialmente capazes, como auxílio para o desenvolvimento e a formação holística de um cidadão capaz de perceber, analisar, avaliar ações e assumir posições em prol de sua cidadania frente a sua realidade existencial, na perspectiva da reconstrução da escola e da sociedade. Um desses meios de potencializar o desenvolvimento pessoal e integral com um trabalho voltado para o empoderamento e protagonismo das pessoas com deficiência e a relação com a emocionalidade que acompanha toda a vida desses indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são preliminares, tendo em vista que fizemos um recorte e pretendemos aplicar mais vivências durante todo ano.

Para o trabalho com as emoções primárias, fizemos uma sessão com exercícios da “Educação Emocional e suas aplicações” que mais foi destaque e foi pedido para repetir.

Implementamos uma rotina de vivências para serem feitas por completo na primeira e última terça-feira de cada mês com o intuito de aproximação. As experiências realizadas na escola advêm do desdobramento do curso de formação oferecido pela secretaria de Educação de Queimadas-PB em parceria com o curso de Educação Emocional da Universidade Federal da Paraíba.

O grupo passou a dialogar mais e a se envolver na proposta de trabalhar com a Vivência Emocional Libertadora, com relatos fortes sobre a vontade de serem protagonistas em suas vidas, principalmente em relação as atividades de vida diária e a ter alguém que possa dar atenção as emoções individuais. Quanto ao empoderamento, já percebemos que de todo o grupo tem 4 (quatro) alunos que conseguem com mais desenvoltura ter consciência do processo e afirmam ser importante esse trabalho.

Esse estudo contemplou as concepções teórico-metodológica de renomados estudiosos das diversas áreas: Psicologia, Pedagogia e Sociologia, como (CASASSUS, 2009-2013) que faz referência à intrínseca relação entre a emoção e aprendizagem; (LIBÂNEO, 1994) que trata do trabalho docente; (MORIN, 2011) que reflete a educação contemporânea e a necessidade de integrar a afetividade e a emoção no processo de aprendizagem; (BISQUEIRA, 2000) afirma que o desenvolvimento de habilidades sócio emocionais favorecem a aprendizagem; (MATURANA, 1998) que ao contrário de uma limitação, o emocionar é a própria condição de possibilidade da aprendizagem humana.

Apresentaremos o recorte de algumas perguntas da entrevista feita com todos os participantes, porém escolhemos alguns sujeitos focais por expressarem melhor o que pensam sobre esse trabalho com as Vivências Emocional Libertadora.

Pra você o que são as emoções?

Fernando: A emoção é quando a gente recebe uma notícia boa, um negocio que a gente recebe bom, aí é emoção quando a gente fica alegre. E quando agente recebe uma noticia ruim a gente sente a emoção da tristeza.

Germânia: as emoções é você sentir vontade de chorar, ter raiva, ficar triste ou com medo.

Ires: A gente sente muita emoção tipo adrenalina, alegria, tristeza, raiva.

Quais são os tipos de emoção que você conhece?

Fernando: Os tipos de emoção que eu conheço é emoção quando a gente recebe alguma coisa boa e quando a gente, por exemplo, quando eu recebo uma mensagem boa, uma notícia boa. Tem emoção assim de notícia boa, que nem emociona. E tem emoção que a gente recebe um presente bom e quando a gente recebe uma mensagem assim que toca no coração. Esses três tipos de emoção que eu conheço.

Germânia: Quando a gente tá participando dos Autodefensores e fala de alegria, tristeza, raiva, medo. A emoção é isso, entendeu?

Ires: Mulher deixa eu ver. Eu sou do tipo alegre... Eu choro quase toda vez... Sou um pouco sensível e qualquer coisinha eu tô chorando... eu sou durona mais eu sou sensível também... sou carinhosa...

Você acha importante as vivências da Educação Emocional propostas no grupo?

Fernando: É eu acho que a gente trabalhe sobre isso, porque isso aí se chama Educação Emocional, agente que se educar emocional. A gente tem que trabalhar sobre isso pra melhorar as emoções. Eu acho importante isso, porque é muito, muito importante. Por exemplo, quando eu vou dar uma palestra, quando eu vou dar uma mensagem eu me emociono. Por isso, eu não falei nada no meu aniversário porque se eu falasse eu chorava. Já Germana é controlada.

Germânia: É importante também. Achava bonito o que agente falava... que a gente tem capacidade de falar sobre as emoções, os nossos direitos, também falava que a gente era bonita e eu me sentia super bem.

Esses relatos nos mostram o quanto os alunos sentem a necessidade de falar das emoções, mesmo embora eles não citem os tipos de emoções, os mesmos sabem descrever bem ao usar exemplos, para tentar responder as questões. Consideram importante esse trabalho da Educação Emocional no programa de Autodefensoria. O que chama atenção nesse caso é a não dificuldade deles em se expressar, porém, no caso de “Fernando”, ele sinaliza que não tem controle emocional e ainda se compara a o colega que é “controlada”.

CONCLUSÕES

Em suma, constatamos com esse estudo e o trabalho sobre o conhecimento das próprias emoções e a dos outros, permitiu que as pessoas com deficiência pudessem se beneficiar dessa prática. Passaram também a identificar em contextos escolares e sociais com o empoderamento e o trabalho com a Vivência Emocional Libertadora pode potencializar aprendizagem e autoconsciência.

Através dessa pesquisa constatamos que a APAE de Campina Grande esteve aberta a

proposta de inserção da Educação Emocional no programa de Autodefensoria como complemento a educação oferecida na escolaridade da instituição, espaço de origem desse grupo.

Nesse contexto a Educação Emocional surge como uma proposta que provoca mudanças individuais com reflexo na vida escolar e pessoal de cada participante e onde as emoções passam a incorporar o currículo e as atividades do grupo. Objetivamos analisar a importância dada as vivências Educação Emocional pelos indivíduos com deficiência e o desenvolvimento integral de todos. Esse trabalho possibilitou maior consciência de si e o empoderamento, no sentido de se posicionarem com mais autonomia e melhoria da autoimagem e autoestima.

A investigação realizada colaborou ou ampliou a reflexão a cerca da necessidade de promover outros momentos com as vivências durante todo ano, visto que, contribuiu para participação e melhoria da vida das pessoas com deficiência.

Além de impactos positivos na vida das pessoas com deficiência por despertar o melhor desenvolvimento da linguagem, sociabilidade, falar de si e perceber o outro nesse mesmo processo, também foi de grande relevância pra mim enquanto facilitadora desse processo, pois, perceber o quanto provocou a criação de vínculo e me transformei numa pessoa melhor.

Esse estudo e as vivências aplicadas despertou o desejo de continuar a investigação e buscar aprofundamento com a participação em novos cursos de formação, palestras e trocas de experiências. Considero que é importante relacionar a aprendizagem com a Educação Emocional e deixo como tema para aprofundamento “ O protagonismo da pessoa com deficiência: a importância da Educação Emocional Libertadora como potencializadoras de transformação do ser.

REFERÊNCIAS

- BISQUERRA, Rafael Alzina. Educación Emocional y Bienestar. Educación. Espanã. Wolter Kluwer. 2000.
- CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.
- CORSINO, P. **A criança de seis anos e as áreas do conhecimento**. In: Brasil. Ministério de Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento.

Brasília: FNDE

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e a curva pedagógica**. Campinas: Alínea, 2014.

GONSALVES, Elisa Pereira; LIMA, OLIVEIRA, Andressa Raquel de. **Vivência Emocional e Processo Libertador**. Impulso, Piracicaba • 25(63), 87-100, maio-ago. 2015.

_____. **Conversas Sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 6. ed. Campinas: Alínea, 2018.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções: uma introdução**. João Pessoa: Libellus, 2017. Coleção Educação Emocional, Volume 1.

_____. **As emoções básicas: medo, tristeza e raiva**. João Pessoa: Libellus, 2017. Coleção Educação Emocional, Volume 2.

_____. **Educação Emocional: aplicações**. João Pessoa: Libellus, 2018. Coleção Educação Emocional, Volume 5.

MATURANA, H. **Reflexões sobre o amor**. In.: MAGRO, C; GRACIANO, M; VAZ, N. (Orgs). A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MORIN, Edagar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro/ Edgar Morin**; trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; rev. Técnica de Edagard de Assis Carvalho. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MOREIRA, H. CALEFFE. L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.